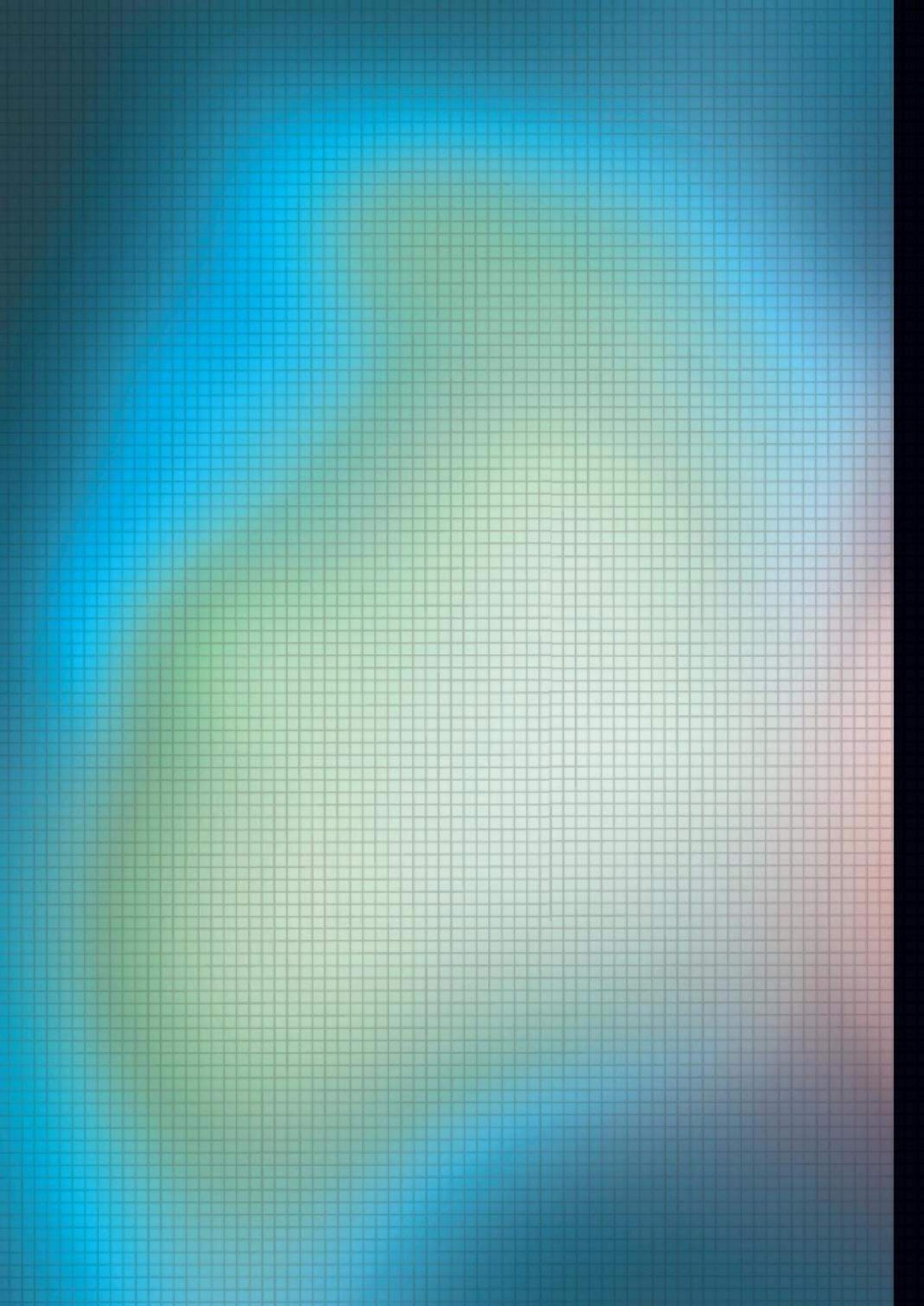
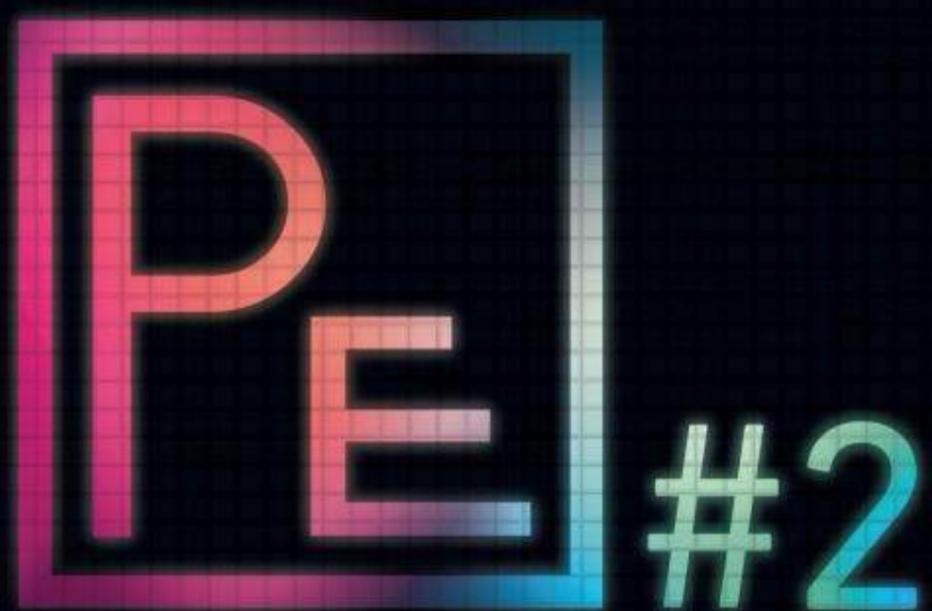


MOSTRA PERFORMATUS

O QUE ESTÁ À LUZ DO NOSSO TEMPO,
DISCERNIMOS NO ESCURO

01 A 09 DE JULHO DE 2017





MOSTRA PERFORMATUS

O QUE ESTÁ À LUZ DO NOSSO TEMPO,
DISCERNIMOS NO ESCURO



Carlos Martiel, *Trofeo*. Performance realizada em Milão, Itália. Julho de 2016.
Foto: Annamaria La Mastra

CORPO COMO CAMPO DE BATALHA

A ideia do corpo como um campo de batalhas políticas começa a ganhar força nos anos 1960, no bojo dos movimentos contestatórios que estremeceram o mundo ocidental e suas instituições. Marcada pelas experiências contraculturais, essa década inaugura uma era de ebulição social, cultural e política, ensejando mudanças comportamentais irrevogáveis. Fazendo do corpo um lugar de reação às opressões e de livre curso dos desejos, as juventudes insurgentes demarcariam um novo território de luta, coincidente com as particularidades e os modos de existir dos indivíduos e comunidades.

Simbolizado pelo maio de 68 francês, mas também pelas reivindicações por direitos civis dos negros nos Estados Unidos e pelas táticas de resistência às ditaduras militares na América Latina, esses eventos históricos produziram precedentes que seguem repercutindo hoje. Se entre seus legados está a revelação da potência transgressora de corpos que se assumem como trincheiras, aos atores sociais contemporâneos tem cabido o esforço por esgarçar as fronteiras desse território político, nele abarcando subjetividades, estéticas e demandas tradicionalmente reprimidas e invisibilizadas.

As ações artísticas reunidas pela *Mostra Performatus #2* apresentam como aspecto comum essa mesma lógica de mobilização de batalhas *através* do corpo, mediante gestos de insubordinação à discriminação, ao cerceamento e ao aniquilamento daquilo que insiste em não se conformar aos modos de vida hegemônicos, em grande medida pautados por poderes conservadores, exploradores e concentradores. Aqui, a perspectiva dos direitos humanos e sua exigência pelo reconhecimento das diferenças adquirem centralidade, alavancando devires minoritários.

Ao aportar no Sesc com uma seleção abrangente de manifestações representativas da arte da performance, a mostra se beneficia de uma plataforma institucional afeita a pesquisas artísticas que têm no corpo a sua mídia, uma vez que a programação cultural desenvolvida pelo Sesc Santos vem se distinguindo pelo estímulo às potências desse corpo, seja pelo viés das artes visuais, seja pelas vias da dança e do teatro. Dessa forma, a instituição reitera a sua permeabilidade às linhas de força que não cessam de atravessar e desestabilizar as fortalezas da inércia.

O QUE ESTÁ À LUZ DO NOSSO TEMPO, DISCERNIMOS NO ESCURO

[...] contemporâneo é alguém que fixa o olhar no seu tempo, para perceber não as suas luzes, mas o seu escuro.¹

Em um período sombrio e barulhento, há que discernirmos no escuro o que está à luz do nosso tempo... Tempo em que os direitos humanos não são ainda priorizados como uma pauta urgente, em que vozes ainda são silenciadas, em que existências são tornadas invisíveis, em que corpos são renegados e não são trazidos à luz; são condenados à escuridão... Tempo em que o capital é prioridade e a natureza sofre a consequência de forma contundente. É preciso frear esse tempo bruto. É preciso acelerar uma marcha rumo a uma sociedade mais justa, a um mundo mais harmônico, mais esclarecido, mais consciente e menos nebuloso.

A *Mostra Performatus #2* propõe, através de ações ao vivo em performances, de exposições de filmes e vídeos, entre outras atividades que têm o corpo e a performatividade como núcleo das expressões artísticas apresentadas, um enorme grito coletivo que repercute alto em prol da liberdade, correspondendo a um berro contra uma norma castradora, contra o ódio, contra o egoísmo, contra a deterioração de um habitat que nos é necessário, toando uma marcha conjunta e heterogênea em direção à visibilidade, buscando uma forma de viver mais igualitária para as diferenças que coabitam um mesmo lugar e uma conscientização sobre a necessidade de preservarmos a nossa natureza, que inclui o nosso meio ambiente bem como as nossas diversificadas vidas em suas variadas interioridades, subjetividades e identidades.

O grito – que ecoa ininterrupto – não é necessariamente um berro identificável através de um som ou da mais pura razão logocêntrica; é uma exclamação de urgência que vem crua, penosa e livre em composições variadas através de sons, imagens, movimentos e outras formas, é um grito que não cessa diante de tantas incertezas, é uma súplica franca contra as barbáries que ainda vigoram na humanidade mesmo depois de mais de um século das constatações e da filosofia de Nietzsche para questionar por completo o ideal ascético, mesmo depois do péssimo exemplo do totalitarismo levado ao extremo com o holocausto durante

¹ AGAMBEN, Giorgio. "O que é contemporâneo?" In: AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009, p. 22.

a Segunda Guerra Mundial, mesmo depois do terror de "Auschwitz", depois das atinadas palavras de Simone de Beauvoir em prol da igualdade entre gêneros, dos esclarecedores textos de Judith Butler, de Paul B. Preciado, depois do ativismo de Martin Luther King, depois dos exercícios descolonialistas de Darcy Ribeiro, mesmo com as mais assustadoras consequências ambientais que vemos sucedidas em prol de um capitalismo cruel e egoísta. O grito persiste. O grito se mantém como resposta às tiranias diárias. O grito é pelo que ocorreu ontem e pelo que pode continuar ocorrendo amanhã.

Não é possível que ainda haja o aniquilamento da força criativa do sujeito em função de algo que se mantém como um poder inabalado, representando uma força suprema ainda vinculada a uma equivocada noção da superioridade do sexo masculino sobre o feminino. O grito não acaba enquanto permanecer a condenação da liberdade com relação à sexualidade, o grito é alto e desesperado onde ainda se cultiva a desvalorização da vida em função de uma suposta realidade suprasensível. O grito se mantém onde vozes ainda são caladas. O grito é insistente e nesse grito habita a repulsa com relação às velhas estruturas já fracas, prestes a desabar em suas redomas empoeiradas. O grito é elevado e mescla indignação e cansaço por haver tanto machismo, tanta misoginia, pelo fato de a sociedade perpetuar-se fundamentada no falocentrismo, por causa de uma cultura tão unicamente heterocentrada. O grito é por desejo de vida, de integridade, de justiça. É um grito que não para enquanto houver o culto a um corpo tido como "ideal", enquanto houver uma burguesia a produzir miséria, enquanto houver racismo, xenofobia. O grito clama persistente por uma ruptura com um passado que perde sentido e força; é um grito que não cessará até que haja mudança. E é imprescindível que gritemos no meio da escuridão da nossa atualidade para, então, buscarmos uma direção contrária rumo à serenidade e lucidez.

Paulo Aureliano da Mata e Tales Frey

Curadores

MOSTRA PERFORMATUS #2

SÁBADO, 01 DE JULHO DE 2017

- 10h às 20h # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- 14h30 às 15h # Performance *Involuntários da Pátria* # com Fernanda Silva (BRA) & Sônia Sobral (BRA) # Convivência # Livre # pág. 11
- A partir das 15h # Performance *The Amazônia Is Not Here* # com Victor de La Rocque (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 12
- 17h30 às 17h45 # Performance *A Natureza da Vida* # com Fernanda Magalhães (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 11
- 18h às 19h30 # *Conversa Performance e Geração 80* # com Bianca Tinoco (BRA) & Ricardo Basbaum (BRA) # Foyer # 14 anos # pág. 25
- A partir das 19h30 # Performance *I'm Fine* # com Sarah Hill (EUA) # Auditório # 18 anos # pág. 11
- 20h às 20h40 # Concerto-performance *Symphonie Monoton Silence* # de Yves Klein (FRA) com a colaboração do maestro-performer Roland Dahinden (CHE) e com as participações especiais da Orquestra Sinfônica Municipal de Santos (BRA), Coral da Alfândega do Porto de Santos (BRA), Coral Municipal de Cubatão (BRA), Coral Municipal de Santos (BRA) e Coro Cênico Broadway Voices (BRA). # Teatro # Livre # pág. 10

DOMINGO, 02 DE JULHO DE 2017

- 10h às 20h # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- 10h30 às 17h30 # Oficina *Teoria e História da Performance* # com Lucio Agra (BRA) # Sala 2 # 16 anos # pág. 28
- 17h30 às 18h10 # Performance *Acidentes* # com Pedro Galiza (BRA) # Convivência # Livre # pág. 12
- 18h às 18h15 # Performance *Antropofagia* # com Grupo EmpreZa (Brasil) # Auditório # 18 anos # pág. 13
- 18h15 às 18h45 # Performance *Espanholicos: Viva el Vino y Las Mujeres* # com Yolanda Benalba (ESP) # Auditório # 18 anos # pág. 13
- Artista em Residência # com Carlos Martiel (CUB) # pág. 29

TERÇA-FEIRA, 04 DE JULHO DE 2017

- **10h às 20h** # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- **A partir das 18h30** # Performance *Palhaço Ergométrico* # com Felipe Bittencourt (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 14
- **19h30 às 20h10** # Performance *Infiltration* # com Eve Bonneau (FRA) # Auditório # 18 anos # pág. 14
- **A partir das 20h10** # Performance *Vem... Pra Ser Infeliz* # com Priscila Rezende (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 14
- Artista em Residência # com Carlos Martiel (CUB) # pág. 29

QUARTA-FEIRA, 05 DE JULHO DE 2017

- **10h às 20h** # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- **12h30 às 13h30** # Performance *Retratinho com Você* # com Ed Marte (BRA) # Convivência # Livre # pág. 15
- **18h30 às 20h** # Conversa-móvel *Lab Livre Desconversa* # com Jaqueline Vasconcelos (BRA), Leonardo Nicoletti (BRA), Rani Bacil Fuzetto (BRA) e Rodrigo Munhoz a.k.a. Amor Experimental (BRA) # Sala 32 # Livre # pág. 26
- **19h30 às 20h10** # Performance *Báárbaros* # com Elle de Bernardini (BRA) # Portaria Social # Livre # pág. 15
- **20h às 21h** # Performance *A Importância de Ser Simone de Beauvoir* # com Miguel Bonneville (POR) # Teatro # 14 anos # pág. 16
- **21h às 21h30** # Conversa com Miguel Bonneville # com Miguel Bonneville (Portugal) # Teatro # 14 anos # pág. 25
- Artista em Residência # com Carlos Martiel (CUB) # pág. 29

QUINTA-FEIRA, 06 DE JULHO DE 2017

- **10h às 20h** # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- **12h30 às 15h30** # Performance *Manicure Política* # com Lyz Parayzo (BRA) # Convivência # Livre # pág. 16
- **18h30 às 19h30** # Conversa *Yashira e a Trajetória da Arte Performática de seu Contexto* # com Enauro de Castro (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 26
- **A partir das 20h** # Performance *Réquiem para uma Noiva* # com Ed Marte (BRA) # Convivência # Livre # pág. 17
- **21h às 21h40** # Performance *da Serpentina* # com Grasielle Sousa a.k.a. Grasielle Cabelódroma (Brasil) # Auditório # 18 anos # pág. 17
- Artista em Residência # com Carlos Martiel (CUB) # pág. 29

MOSTRA PERFORMATUS #2

SEXTA-FEIRA, 07 DE JULHO DE 2017

- 10h às 20h # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- 12h30 às 19h30 # Performance *Oráculo Caboclo* # com Arthur Scovino (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 17
- 18h às 21h # Performance *Manicure Política* # com Lyz Parayzo (BRA) # Convivência # Livre # pág. 16
- 18h30 às 19h30 # Conversa *Outros Fluxxos* # com Alexandre Sá (BRA) # Sala 2 # 14 anos # pág. 27
- 19h30 às 20h10 # Performance *Vejo Tudo Nu* # com Lucio Agra (BRA) # Convivência # Livre # pág. 18
- Artista em Residência # com Carlos Martiel (CUB) # pág. 29

SÁBADO, 08 DE JULHO DE 2017

- 10h às 20h # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- 12h30 às 15h30 # Performance *Manicure Política* # com Lyz Parayzo (BRA) # Convivência # Livre # pág. 16
- 14h às 18h # Oficina *Aproximar Corpos e Coisas* # com Renan Marcondes (BRA) # Sala 42 # 16 anos # pág. 28
- 17h30 às 19h10 # Performance *Panquecas Civilizadas* # com Lizi Menezes (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 18
- 19h30 às 19h45 # Performance *Teta Lírica* # com Marie Carangi (BRA) # Foyer do Teatro # 18 anos # pág. 19
- 20h às 20h50 # Performance *Retratos* # com Carol Cony (BRA) & Cristina Moura (BRA) # Teatro # 16 anos # pág. 19
- Artista em Residência # com Carlos Martiel (CUB) # pág. 29

DOMINGO, 09 DE JULHO DE 2017

- 10h às 20h # Instalações / exibições # Auditório # 18 anos # pág. 22-24
- 10h30 às 12h # Performance Ataque Aéreo # com Marcela Tiboni (BRA) # Praia de Aparecida # Livre # pág. 20
- 14h às 18h # Oficina Aproximar Corpos e Coisas # com Renan Marcondes (BRA) # Sala 42 # 16 anos # pág. 28
- 16h às 18h # Performance Fato-Indumento # com Lyz Parayzo (BRA) & Augusto Braz (BRA) # Auditório # 18 anos # pág. 20
- 18h às 19h # Performance de Artista em Residência # com Carlos Martiel (CUB) # Auditório # 18 anos # pág. 21
- 19h às 20h # Concerto-performance Fechação # com Linn da Quebrada (BRA) # Comedoria # 14 anos # pág. 21

PROGRAMAÇÃO GRATUITA

RECOMENDAÇÃO ETÁRIA



Confira antecipadamente a classificação indicativa de cada atividade. Nas apresentações classificadas como não recomendadas para menores de 18 anos, não será admitido o ingresso de menores de 18 anos, mesmo que acompanhados de pais ou responsáveis.

PERFORMANCES



Foto: © Yves Klein Estate, ADAGP, Paris – AUTVIS, Sao Paulo, 2017 / © Charles Wilp / BPK, Berlin.

"SYMPHONIE MONOTON SILENCE", DE YVES KLEIN (FRA)

Com a colaboração do maestro-performer Roland Dahinden (CHE) e participações especiais da Orquestra Sinfônica Municipal de Santos (BRA), Coral da Alfândega do Porto de Santos (BRA), Coral Municipal de Cubatão (BRA), Coral Municipal de Santos (BRA) e Coro Cênico Broadway Voices (BRA)."

"Esta sinfonia, com duração de quarenta minutos (mas isso não tem importância, como logo veremos), é constituída de um único 'som' contínuo, estirado, privado de acentuação e de fim, o que cria uma sensação de vertigem, de aspiração da sensibilidade para fora do tempo. Essa sinfonia, portanto, não *existe existindo*, sai da fenomenologia do tempo, porque nunca nasceu nem morreu, após a *existência*, no entanto, no mundo das nossas possibilidades de percepção consciente: é silêncio – presença audível." – Yves Klein, "Le Dépassement de la problématique de apart" (em *Le Dépassement de la problématique de l'art et Autres Écrits*. Paris: Beaux-arts de Paris Les Éditions, 2011, p. 82, tradução livre de Fernando L. Costa)

YVES KLEIN (França, 1928-1962), judoca, pintor e escultor. Yves Klein nasceu em um meio de pintores. Antes de enveredar na pintura, primeiro ele viajou e explorou outros caminhos, como o judô, que alimentaram a sua reflexão sobre o monocromático, o imaterial e o vazio. Em suas primeiras exposições, Klein apresenta monocromos de diferentes cores, mas, a partir de 1957, finalmente opta pelo azul, o "International Klein Blue". Entre 1958 e 1960, ele expõe o Vazio, pintado com modelos nuas (*Anthropométries*), com elementos naturais (*Cosmogonies*), com fogo (*Tableaux de feu*), e elabora a arquitetura do ar. A célebre fotografia do salto no vazio é a imagem dessa carreira deslumbrante muito cedo interrompida.

ROLAND DAHINDEN (Suíça, 1962) é trombonista e compositor. Estudou trombone e composição na Universidade de Música de Graz (Áustria). É mestre pela Universidade Wesleyan de Connecticut (EUA, 1994). É doutor pela Universidade de Birmingham (Inglaterra, 2002). Em 2003, recebeu o prêmio "werkjahr" do conselho de arte do Cantão de Zug (Suíça). Como compositor, colaborou com diversos artistas plásticos, como Sol LeWitt, Inge Dick, Daniel Buren, Philippe Deléglise, entre outros.

Teatro. Livre.

01/07. Sábado, das 20h às 20h40.

Retirada de ingressos no dia da apresentação a partir das 10h.



Foto: Maurício Pokémon

INVOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA COM FERNANDA SILVA (BRA) & SÔNIA SOBRAL (BRA)

17 abril de 2016: impeachment de Dilma Rousseff pelos deputados federais; 20 de abril de 2016: Eduardo Viveiros de Castro profere uma aula pública nas escadarias da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; julho de 2016: Sonia Sobral e Fernanda Silva se encontram numa residência artística no CAMPO Arte Contemporânea em Teresina (Piauí, Brasil).

FERNANDA SILVA (Brasil) atriz e diretora, há 23 anos conduz o Grupo de Teatro Metáfora, que desde 2005 mantém o Galpão Teatro Metáfora como espaço de resistência em Parnaíba, litoral do Piauí.

SÔNIA SOBRAL (Brasil) é gestora cultural de artes cênicas. Atualmente integra grupos de estudos, pesquisas cênicas e dramaturgias.

Convivência. Livre.

01/07. Sábado, das 14h30 às 15h.



Foto: Arthur Downgrid.

I'M FINE – COM SARAH HILL (EUA)

Repetindo incessantemente "I'm fine" [Eu estou bem], pisando forte com sapatos de salto alto, com o corpo adornado por uma peruca de cor vibrante, Sarah reitera a mesma frase enquanto bate os pés contra o piso e, aos poucos, propõe pisadas fortes que se transformam em saltos intensos contra o chão até a sua completa exaustão.

SARAH HILL (Estados Unidos, 1985) é performer com prática fundamentada na teoria *queer* e transfeminista. Apresentou trabalhos no "Performatorium 2014 – Festival of Queer Performance Regina" e no "Le Lieu The Contemporary Art Center", ambos no Canadá; no "Platform Lublin", na Gallery Labirynt, na Polônia; na Proof Gallery e no Anthony Greaney, em Boston (EUA); no Grace Exhibition Space, em Nova York (EUA); no Living Arts Space, em Tulsa (EUA); no Waterloo Center for Arts (MACC), em Austin (EUA); entre outros espaços e eventos.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

01/07. Sábado, às 19h30.



Foto: Graziela Diez

A NATUREZA DA VIDA – COM FERNANDA MAGALHÃES (BRA)

A Natureza da Vida é um projeto em desenvolvimento que utiliza os meios foto-vídeo-performance nas produções e problematizações propostas no trabalho. As ações são realizadas em locais públicos em diversas cidades do mundo. As performances são constituídas por meio de uma movimentação pelo espaço e da ação de tirar a roupa e posar, quase sempre nua, para fotos e vídeos. Diferentes fotógrafos participam do trabalho, profissionais, artistas e quaisquer interessados. Estas ações almejam refle-

tir sobre as relações das imagens com os corpos. São provocações que se impõem através de um posicionamento político, discutindo padrões, estética e as diferenças.

FERNANDA MAGALHÃES (Brasil, 1962) é artista, fotógrafa, performer, professora de Artes na Universidade Estadual de Londrina, pós-doutora pelo LUME Teatro (Unicamp, 2016) e doutora em Artes (Unicamp, 2008). Recebeu o VIII Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 1995 pelo projeto "A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia". Publicou os livros *Corpos Re-Construção Ação Ritual Performance* (2010) e, em parceria com Karen Debértolis, *A Estalagem das Almas* (2006). Suas obras integram os acervos de instituições como a Maison Européenne de la Photographie (Paris, França) e o Museu Oscar Niemeyer (Curitiba, Brasil), e, também, a Coleção Joaquim Paiva de Fotografia Contemporânea do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

01/07. Sábado, das 17h30 às 17h45.



Foto: Victor de la Rocque

THE AMAZÔNIA IS NOT HERE – COM VICTOR DE LA ROCQUE (BRA)

O artista veste macacão branco e sapatos brancos. As regras do jogo são apresentadas para o público pelo artista. 645 balas vermelhas poderão ser disparadas no corpo do artista pelas pessoas que visitam a Mostra Performatus #2, ao valor estipulado para cada tiro. O valor total arrecadado da performance será doado para ONGs que trabalham dentro dos conflitos de terra na Amazônia. A performance encerra quando as 645 balas forem disparadas e/ou o artista chegar ao seu limite físico.

VICTOR DE LA ROCQUE (Brasil, 1985), nascido na Amazônia, é artista que se relaciona através da performance e de sua expansão como linguagem e prática numa espécie de rastro. Dessa forma, envolve-se em composições (ou decomposições) para vídeo, fotografia, cinema, peças de performance, textos, pinturas, desenhos, receitas culinárias, instalações, web e/ou pequenas ações sem audiência e registro. Participa frequentemente de exposições e residências artísticas no Brasil e no exterior.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

01/07. Sábado, às 15h.



Foto: Ingrid Vale

ACIDENTES – COM PEDRO GALIZA (BRA)

Acidentes são lapsos constantes que percorrem o corpo-tempo-espço, descontinuando movimentos, desfigurando a identidade, trazendo à tona realidades cruas. Neste trabalho, Pedro Galiza "acidenta" por entre cadeiras esparramadas pelo espaço, saturando as expectativas dos corpos expectadores.

PEDRO GALIZA (Brasil, 1996) é artista transmídia e interdisciplinar. Trabalha com a arte da ação, remixagem do audiovisual e é criador na dança. É integrante da Estação de Trabalho Colaborativo La Plataformance. Em agosto de 2015, entrou com o trabalho *Acidentes* na Plataforma de Criação Exercícios Compartilhados, sob a coordenação de

Adriana Grechi. Segue escavando o trabalho *Acidentes* como artista residente do Centro de Referência da Dança da cidade de São Paulo.

Convivência. Livre.

02/07. Domingo, das 15h30 às 18h10.



ANTROPOFAGIA – COM GRUPO EMPREZA (BRA)

Nesta ação, vemos um performer ingerir os longos cabelos do outro, colocando-os lentamente em mechas para dentro de sua boca com movimentos sutis de deglutição dos fios.

GRUPO EMPREZA (Brasil, 2001) foi fundado inicialmente como grupo de estudo e pesquisa em performance arte e possui hoje um vasto repertório de ações performáticas, happenings e produções audiovisuais e fotográficas. Vários artistas já passaram pela formação do Grupo Empreza, que atualmente é formado pelos membros-integrantes: Aishá Kanda, Babidu, Helô Sanvoy, João Angelini, Marcela Campos, Paul Setúbal, Paulo Veiga Jordão, Rava e Thiago Lemos.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

02/07. Domingo, das 18h às 18h15.

Foto: Grupo Empreza



ESPAÑICIDIOS: VIVA EL VINO Y LAS MUJERES – COM YOLANDA BENALBA (ESP)

Yolanda apresenta uma sequência de partituras corporais que remetem o olhar da audiência para a temática esmiuçada pela artista. Os assassinatos por violência machista na Espanha se configuram como um problema social que evidencia o atual estado de desigualdade de gênero. Esta ação versa sobre a dor e a subordinação das mulheres, centrando-se na maior corporificação do machismo: os feminicídios.

YOLANDA BENALBA (Espanha, 1992) interessa-se por espaços em que a violência e o poder patriarcal estejam presentes para então desenvolver proposições artísticas como respostas diretas ao que absorve desses contextos, sendo o feminicídio e a gordofobia temas frequentes explorados em sua prática artística. Codiretora da plataforma Decadence Performance Art, tem mestrado em Práctica Escénica y Cultura Visual pelo Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía em Madrid e graduação em Belas Artes pela Universitat Politècnica de València.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

02/07. Domingo, das 18h15 às 18h45.

Foto: Manuel López



Foto: Luiza Palhares

VEM... PRA SER INFELIZ – COM PRISCILA REZENDE (BRA)

Em *Vem... Pra Ser Infeliz* o corpo seminudo da artista Priscila Rezende é exposto como uma ironia à reprodução estereotipada do corpo feminino negro exageradamente sexualizado como um símbolo do carnaval. Nesta ação, ao som de sambas-enredo tradicionais do carnaval do Rio de Janeiro, a artista dança ininterruptamente até a exaustão, utilizando uma máscara de Flandres, objeto comumente utilizado no período colonial por pessoas escravizadas.

PRISCILA REZENDE (Brasil, 1985) vive e trabalha em Belo Horizonte. Graduada em Artes Visuais pela Escola Guignard-UEMG (Belo Horizonte, Brasil) com habilitação em Fotografia e Cerâmica. Dentre os seus trabalhos destacam-se "Saldo de Performance", BDMG Cultural, Belo Horizonte, 2015; "Projeto Raiz Forte", MAES, Vitória, 2015; "Mostra Delgeneradas²", São Paulo, 2016; "The Incantation of the Disquieting Muse", SAVVY Contemporary, Berlim, 2016; entre outros.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

04/07. Terça, às 20h10.



Foto: Felipe Bittencourt

PALHAÇO ERGOMÉTRICO – COM FELIPE BITTENCOURT (BRA)

O performer, usando maquiagem e nariz de palhaço, senta-se em bicicleta ergométrica posicionada no centro do espaço. Ele deve pedalar no aparelho até que toda a maquiagem escorra pelo suor.

FELIPE BITTENCOURT (Brasil, 1987) vive e trabalha em São Paulo. É ator e artista visual, bacharel em Artes Visuais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, 2007, com especialização em Fotografia pela Escola Panamericana de Arte e Design, 2010. Suas obras foram apresentadas em diferentes festivais e instituições, como "Mostra Verbo", Galeria Vermelho, São Paulo (2013); Paço das Artes, São Paulo (2013); Museu Brasileiro da Escultura, São Paulo (2011); Arte Pará, Belém (2008); entre outros.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

04/07. Terça, às 18h30.



Foto: Acervo da artista

INFILTRATION – COM EVE BONNEAU (FRA)

Na ação, utilizando gelo, água e copos de vidro, através de movimentações que forçam a participação do público, Eve Bonneau infiltra-se na audiência, desfazendo as possíveis barreiras entre a apresentação artística e a passividade de quem a contempla. *Infiltration* [Infiltração] agrupa uma multiplicidade de formas artísticas (performance, intervenção visual e instalação) elaboradas após três anos de pesquisa contínua sobre o "estar aqui". A maneira de sentir dentro de si torna-se a sua posição social. Esta série de atos poéticos promulga a sensação interna de estar à beira do desequilíbrio

numa tensão imediata: viver. A questão da morte surge de forma tangível. A água é um elemento constante em *Infiltration*: contingente, orgânica e pura. O vidro encarna a fragilidade e o perigo instaurado no momento presente.

EVE BONNEAU (França, 1981) é performer, tem formação em balé e dança contemporânea pela École Nationale de Musique et Danse de La Rochelle na França e pela P.A.R.T.S em Bruxelas.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

04/07. Terça, das 19h30 às 20h10.



Foto: Bianca de Sá

RETRATINHO COM VOCÊ – COM ED MARTE (BRA)

Ed Marte, ao se colocar à disposição para tirar fotos com qualquer transeunte que tiver interesse em posar ao lado do artista, faz alusão ao mundo onde todas(os) estão conectadas(os) com as redes sociais através de uma performance bem-humorada que faz um paralelo com a popularização da celebridade pop instantânea, que pode ser de apenas 15 minutos de fama (ou não). Utilize a hashtag #performatus nas redes sociais para as fotos com Ed Marte.

ED MARTE (Brasil, 1968) trabalha as relações entre corpo, espaço e público, arte e vida. Rito, fluxo e interação. O corpo se coloca, artisticamente, na fabricação de uma imagem que aborda questões comportamentais emergentes na contemporaneidade, como deslizamento entre gêneros, recombinação de vestuário, questionando o padrão das poéticas visuais que vestem o corpo.

Convivência. Livre.

05/07. Quarta, das 12h30 às 13h30.



Foto: Ana Marin

BÁÁÁRBAROS – COM ÉLLE DE BERNARDINI (BRA)

O grito a plenos pulmões é uma crítica e autocrítica à falta de civilidade da sociedade contemporânea. É uma repulsa aos atos bárbaros cometidos pelos humanos do mundo inteiro.

ÉLLE DE BERNARDINI (Brasil, 1991) é artista visual, performer, bailarina e butoka. Possui formação em balé clássico pela Royal Academy of Dance, foi aluna dos mestres de butô japonês Yoshito Ohno e Tadashi Endo, é graduanda de filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria. Seus trabalhos já foram apresentados na Europa e na América Latina. Dentre os espaços onde apresentou suas obras, destacamos: London Tower, Londres (2012); Planetário da Gávea, Rio de Janeiro (2014); Fundação Memorial da América Latina, São Paulo (2015); Casa de Cultura Mario Quintana, Porto Alegre (2016); e Maus Hábitos, Porto, Portugal (2015).

Portaria Social. Livre.

05/07. Quarta, das 19h30 às 20h10.



A IMPORTÂNCIA DE SER SIMONE DE BEAUVOIR COM MIGUEL BONNEVILLE (POR)

Esta apresentação se insere num projeto de espetáculos concebidos em série, partindo da vida e obra de artistas cuja relevância tenha sido vital no percurso artístico do performer. Os livros da autora francesa exploram questões fundamentais que surgem também no trabalho do performer: autobiografia, política/feminismo, gênero/sexualidade, existencialismo e morte. São assuntos abordados de formas distintas, mas cuja base e princípio são os mesmos: crença na procura da verdade e no valor da cultura, postura que, desde muito cedo, salvou-o do desespero. Após o espetáculo, conversa com Miguel Bonneville.

MIGUEL BONNEVILLE (Portugal, 1985) concluiu os cursos de: Interpretação, na Academia Contemporânea do Espectáculo (2000-2003); Artes Visuais, na Fundação Calouste Gulbenkian (2006); Autobiografias, Histórias de Vida e Vidas de Artista, no CIES-ISCTE (2008); Arquivo – Organização e Manutenção, no Citeforma (2013); e Costurar Ideias, na Magestil (2013). Através de performances, desenhos, fotografias, vídeo, música e livros de artista, Bonneville nos introduz em histórias autobiográficas centradas na destruição e reconstrução da identidade.

Teatro.

Não recomendado para menores de 14 anos.

05/07. Quarta, das 20h às 21h.

Retirada de ingressos no dia da apresentação, a partir das 10h.

Foto: Joana Linda



MANICURE POLÍTICA – COM LYZ PARAYZO (BRA)

Instauração: manicure como proposta estética. Um salão é montado, o Salão Parayzo, e voluntários são convidados a pintar suas unhas apenas de rosa pela manicura. A manicura não quer só criar uma imagem a partir da repetição da ação de pintar unhas. A manicura é pintora e cria uma obra na casa-corpo. A cor se torna vírus, diminuto infeccioso que não tem capacidade metabólica autônoma, mas que ganha vida contra luz à performatividade do rosa. Leituras corporais são recriadas a partir da fusão da unha/cor.

LYZ PARAYZO (Brasil, 1994) vive e trabalha entre a periferia e o centro do Rio de Janeiro. É educadora, performer e membro do Coletivo Seus Putos. Atualmente é graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Participou das seguintes coletivas: "Bem Me Cuir" (Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, Rio de Janeiro, Brasil, 2016); "Experiência n. 6 – Compasso Binário" (Mesa, Rio de Janeiro, Brasil, 2016); entre outras.

Convivência. Livre.

06/07. Quinta, das 12h30 às 15h30.

07/07. Sexta, das 18h às 21h.

08/07. Sábado, das 12h30 às 15h30.

Foto: Helena de Oliveira



Foto: Bruno Figueiredo

RÉQUIEM PARA UMA NOIVA – COM ED MARTE (BRA)

Nesta performance, o artista visual Ed Marte trabalha as relações entre corpo político, espaço e público, arte e vida. Aborda as questões de gênero, transfeminismo e o universo queer, as lutas políticas de empoderamento e reafirmação do corpo livre.

ED MARTE (Brasil, 1968) trabalha as relações entre corpo, espaço e público, arte e vida. Rito, fluxo e interação. O corpo se coloca, artisticamente, na fabricação de uma imagem que aborda questões comportamentais emergentes na contemporaneidade, como deslizamento entre gêneros, recombinação de vestuário, questionando o padrão das poéticas visuais que vestem o corpo.

Convivência. Livre.

06/07. Quinta, às 20h.



Foto: Léopold Reutlinger

PERFORMANCE DA SERPENTINA COM GRASIELE SOUSA A.K.A. GRASIELE CABELÓDROMA (BRA)

Nesta ação, com movimentos dançados, Grasiela Sousa a.k.a. Grasiela Cabelódroma funde duas grandes artistas que desafiaram os ditos “bons costumes” e inovaram com as suas formas de dançar: Luz del Fuego e Loïe Fuller. Luz, artista brasileira, conhecida principalmente por seu número de dança acompanhado de duas cobras. Loïe, nascida nos Estados Unidos, inventou uma forma de expandir o seu próprio corpo no palco com a ajuda de uma “roupa-escultura” e efeitos de luzes cênicas.

GRASIELE SOUSA A.K.A. GRASIELE CABELÓDROMA (Brasil, 1978) vive e trabalha em São Paulo desde 2002. É mestra em Psicologia Clínica Núcleo de Estudos da Subjetividade Contemporânea da PUC/SP, com a dissertação *Uma Edição de Si: As Meninas do Youtube* (2015), e graduada em Educação Artística pelo Instituto de Artes da Unesp (2003). Desenvolve os projetos Cabelódromo e Cia. Subdesenvolvida de Dança. Faz parte da equipe editorial da publicação acadêmica *Cadernos de Subjetividade*. Já apresentou seu trabalho artístico em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Vitória, Curitiba, Chile, Portugal, Espanha e Alemanha. Participou da edição de 2016 da Temporada de Projetos do Paço das Artes.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

06/07. Quinta, das 21h às 21h40.



Foto: Marcelo Paxão

ORÁCULO CABOCLO - COM ARTHUR SCOVINO (BRA)

A base para *Oráculo Caboclo* é uma compilação de entrevistas de Hélio Oiticica entre um pau-de-resposta e *O Guarani*, de José de Alencar. O artista consulta o “Oráculo Caboclo” em conversa com a audiência, considerando uma pessoa por vez, buscando respostas para os anseios diante do caos, da arte e da vida. As respostas despontadas são exibidas em uma configuração estética que vai gradativamente sendo disposta no

espaço em balões de gás hélio ou irrompem de forma sigilosa e não permanecem em formas tangíveis no ambiente da ação.

ARTHUR SCOVINO (Brasil, 1980) é nascido na região metropolitana do Rio de Janeiro e, em 2008, mudou-se para Salvador a fim de estudar na Escola de Belas Artes da UFBA. Desde então, desenvolve suas pesquisas artísticas em torno do ambiente, da cultura e das relações afetivas e sociais, sobretudo da Bahia. Atualmente, em suas instalações e performances, investiga símbolos do imaginário religioso e da miscigenação brasileira.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

07/07. Sexta, das 12h30 às 19h30.



Foto: Coletivo Sem Título, S.D.

VEJO TUDO NU – COM LUCIO AGRA (BRA)

O nome da performance deriva de uma comédia erótica italiana de 1969 cujo trailer foi assistido por acaso aos nove anos de idade por Lucio Agra. Trata-se de uma ação para espaço aberto na qual o corpo nu do artista é coberto por um aparato cilíndrico de pano preto que impede totalmente a visão externa, mas não impede que o artista se oriente no espaço. Com o auxílio de equipamento de áudio, ele lê textos que se referem ao ocultamento de nomes e ações artísticas e culturais na História, na Bibliografia de Arte Contemporânea e no cotidiano atual.

LUCIO AGRA (Brasil, 1960) é performer, poeta e professor. Atua artisticamente no Brasil e no exterior, como na França, no Canadá, nos Estados Unidos, no Uruguai, na Colômbia, no México, entre outras localidades. Autor de *Monstrutivismo – Reta e Curva das Vanguardas* (São Paulo: Editora Perspectiva, 2010); de diversos artigos em publicações nacionais e internacionais; e, em breve, de *Performance: Corpo em Expansão*.

Convivência. Livre.

07/07. Sexta, das 19h30 às 20h10.



Foto: Edgar Oliveira

PANQUECAS CIVILIZADAS – COM LIZI MENEZES (BRA)

Panquecas Civilizadas busca questionar as negligências naturalizadas nos corpos/sexos frente às situações que violam os sentidos corporais. A ação tenciona a retirada dos corpos da sua zona de conforto através da exaustão diante das repetições de signos, tais como a imagem e o áudio, que são representações de violências consumidas cotidianamente. A artista prepara panquecas incessantemente e propõe uma maquinal comilança, integrando audiência e obra, em um encontro em que algo instintivo é acionado: a fome.

LIZI MENEZES (Brasil, 1981) é feminista e artista visual formada pela Universidade Federal de Santa Maria (Brasil), com especialização e mestrado em Estudos Feministas pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal) e, atualmente, cursa doutoramento em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

Auditório. Não recomendado para menores de 18 anos.

08/07. Sábado, das 17h30 às 19h10.



Foto: Luciana Freire D'Anunção

TETA LÍRICA – COM MARIE CARANGI (BRA)

Performance que envolve a relação de atrito entre o movimento do corpo e o instrumento musical teremim. Com o corpo recoberto por uma malha preta, que deixa à mostra, através de buracos, somente os seios, a artista realiza um concerto diante do teremim através do movimento dos seus seios. Esse instrumento possui uma antena que emite um campo vibracional no ar, onde as notas musicais se distribuem reagindo à proximidade do corpo. Enquanto o corpo se sacode, as tetas balançam tocando aleatoriamente as notas nesse campo, gerando sons. O grau de aproximação entre tetas e antena, associado à velocidade de movimento, gera picos de agudo variáveis, resultando num canto lírico estridente.

MARIE CARANGI (Brasil, 1989) vive e trabalha no Recife. Graduada em Arquitetura e Urbanismo na UFPE, trabalha com performance, vídeo e instalação. Inicia a performance-serviço – *Peluqueria Carangi* – no Lesbian Bar do artista Fernando Peres. Em *Peluqueria Carangi*, as relações entre corpo, espaço, estruturas e autoimagem que atravessam o corte de cabelo viram trabalho de conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo. Esse laboratório se desdobra em outros gestos nas performances *Corte Estilo Guilhotina* e *GRITOFONIA*.

Foyer do Teatro. Não recomendado para menores de 18 anos.
08/07. Sábado, das 19h30 às 19h45.



Foto: Renato Mangolin

RETRATOS – COM CAROL CONY (BRA) E CRISTINA MOURA (BRA)

A obra da artista norte-americana Cindy Sherman – que fotografa a si mesma como personagens fictícias em diversas situações – é o ponto de partida do solo de *Retratos*, da bailarina-performer Carol Cony, sob a direção de Cristina Moura. As personagens de Cindy Sherman são clicadas em situações dramáticas ou cotidianas, capturando e subvertendo instantes de suas vidas inventadas. O espetáculo é uma experiência cênica fotográfica, onde o retrato se desloca da fotografia para a cena, a partir de percursos criativos vivenciados pela intérprete, que dialoga e brinca com as características das duas linguagens: a fotografia e a dança. Em cena, diversas trocas de figurinos se unem a uma vigorosa partitura coreográfica para evocar a atmosfera em torno das personagens. *Retratos* convida o espectador a um passeio imagético e imaginativo, em que o corpo da intérprete é o guia entre o humor, memória, drama, paixão e tragédia.

CAROL CONY (Brasil, 1980) é performer, bailarina, atriz e acrobata. É formada pela Faculdade de Dança Angel Vianna e pelo TEPA (Teatro Escola de Porto Alegre). De 2006 a 2011, atuou no grupo carioca Intrépida Trupe.

CRISTINA MOURA (Brasil) é diretora de espetáculos de teatro e dança contemporânea, coreógrafa, atriz e intérprete. Entre 1996 e 2003, viveu na Europa e integrou o Les Ballets C de La B, de Alain Platel, entre outras Cias.

Convivência. Não recomendado para menores de 16 anos.
08/07. Sábado, das 20h às 20h50.
Retirada de ingressos no dia da apresentação, a partir das 10h.



Foto: Helena de Oliveira

FATO-INDUMENTO – COM LYZ PARAYZO (BRA) & AUGUSTO BRAZ (BRA)

Calcinha de renda vermelha, dois tijolos, barbante, papel manilha rosa, cola branca, pincel, balde e duas bixas. Como uma bomba plástica, *Fato-Indumento* dinamita alicerces normativos por meio de uma TransFiguração de valores. Não só as usualidades do papel manilha e do tijolo são abandonadas como também a “naturalidade” do corpo e suas leituras socialmente construídas a partir de tecnologias heteronormativas. Um corpo lido como masculino, por possuir um pênis, é atacado com informações ditas femininas ao fundir-se com um papel/vestido e um tijolo/salto. Novas leituras são criadas e o periférico se torna centro.

LYZ PARAYZO (Brasil, 1994) vive e trabalha entre a periferia e o centro do Rio de Janeiro. É educadora, performer e membro do Coletivo Seus Putos. Atualmente é graduanda em Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Participou das seguintes coletivas: “Bem Me Cuir” (Centro Cultural Laurinda Santos Lobo, Rio de Janeiro, Brasil, 2016); “Experiência n. 6 – Compasso Binário” (Mesa, Rio de Janeiro, Brasil, 2016); entre outras.

AUGUSTO BRAZ (Brasil, 1993) é paulistano e vive no Rio de Janeiro desde 2013, quando trocou a graduação em Jornalismo por um curso de Artes Visuais na UERJ. Participou de mostras coletivas como: “Olha Geral” (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014); “Motirô” (Hotel e Spa da Loucura, Rio de Janeiro, 2014); “Ateliê de Performance” (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014); “Terceiro Festival Multicultural de Inverno de Embu Guaçu” (Espaço Hervé, Embu Guaçu, 2014); entre outras.

Auditório. Livre.

09/07. Domingo, das 16h às 18h.



Foto: Marcela Tiboni

ATAQUE AÉREO – COM MARCELA TIBONI (BRA)

O eminente estado de medo e perigo com relação a possíveis ataques terroristas islâmicos, sauditas ou afegãos assolou a cabeça de determinados políticos e cidadãos brasileiros no ano de 2016. Dentre as ameaças fantasmas (que nunca foram comprovadas ou ocorridas) estavam homens-bomba, ataque aéreo, carros-bomba, ataques à mão armada. A veracidade destas ameaças nunca foi comprovada, mas foi possível perceber que é preciso muito pouco para deixar a população em pânico e cheia de medo. A ação *Ataque Aéreo* consiste na discussão e reflexão destas situações de ameaças fantasmas e suas repercussões sociais. Sessenta pipas em papel de seda branco, com imagens de mísseis e projéteis pintados de preto, ficarão à disposição do público para que as empinem coletivamente na praia, realizando assim um “ataque aéreo”. A ação não tem limite de idade para a participação, e o tempo da ação será o tempo que os participantes quiserem empinar suas pipas bombas. Haverá possibilidade de realização das famosas “rinhas de pipas”, em que os participantes tentam derrubar as pipas bombas dos “oponentes”, e o que restar das pipas bombas podem ou não permanecer na expostas.

MARCELA TIBONI (Brasil, 1982) é bacharel em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP (São Paulo, 2003), mestre em Estética e História da Arte pelo

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC-USP (SP, 2009), e pós-graduada em Gestão Cultural pelo Senac (SP, 2015). Desde 2003 tem exposto com regularidade em importantes espaços culturais brasileiros, tais como Museu Oscar Niemeyer, Paço das Artes, MAMAM, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, Caixa Cultural, Instituto Tomie Ohtake, entre outros. Suas obras também já estiveram em países como Argentina, Espanha, Estados Unidos, França e Peru.

Praia da Aparecida. Livre.
09/07. Domingo, das 10h30 às 12h.



Foto: Annamaria La Mastra

PERFORMANCE DE ARTISTA EM RESIDÊNCIA - COM CARLOS MARTIEL (CUB)

Performance fruto da residência artística de Carlos Martiel que parte da sua pesquisa *in loco* sobre a discriminação racial e em contraposição com as suas experiências prévias, as quais abordam a mesma problemática em países como Estados Unidos e Cuba. Como resultado da residência, Carlos Martiel realizará uma apresentação pública do seu trabalho investigativo através de uma performance inédita.

CARLOS MARTIEL (Cuba, 1989) vive e trabalha em Nova York e Havana. Graduado pela Escola Nacional de Belas-Artes San Alejandro em Havana. Estudou em Cátedra Arte de Conducta entre 2008 e 2010, onde foi orientado pela artista Tania Bruguera. Realizou exposições individuais em diversos espaços, dentre eles, Y Gallery e Robert Miller Gallery (Nova York); Samsøn Projects (Boston); Steve Turner (Los Angeles), entre outros. Recebeu prêmios como: Franklin Furnace Fund (Nova York, 2016), CIFOS Grants & Commissions Program Award (Miami, 2014) e Arte Laguna (Veneza, 2013).

Auditório. Não recomendado para menores de 18 anos.
09/07. Domingo, das 18h às 19h.



Foto: Vivi Bacco

FECHAÇÃO – COM LINN DA QUEBRADA (BRA)

Linn da Quebrada – acompanhada pela cantora e persona Jup do Bairro, do percussionista Valentino Valentino e do DJ Pininga – propõe uma vivência festiva em clima de fechamento/fechação da Mostra Performatus #2 ao oferecer uma descomedida quantidade de confetes em tons cor-de-rosa e dourados para serem atirados ao ar pelo público enquanto a apresentação acontece. Esta vivência faz referência à performance-instrução *Throw a Party* (2012), da artista Amalia Pica.

LINN DA QUEBRADA (Brasil) é performer, cantora, compositora, dançarina e atriz. De todas as suas possibilidades, Linn da Quebrada é um corpo em constante transformação e movimento. Atualmente em fase de pré-produção do seu primeiro disco cheio, *Pajubá*, Linn segue rodando o país com suas músicas sobre empoderamento e questões do universo TLGB+. Em 2016, ela estreou na música com o hit "Enviadescer", seguido por "Talento" e, logo no começo de 2017, com "Bixa Preta".

Comedoria. Livre.
09/07. Domingo, das 19h às 20h.
Retirada de ingressos no dia da apresentação, a partir das 10h.

EXIBIÇÕES

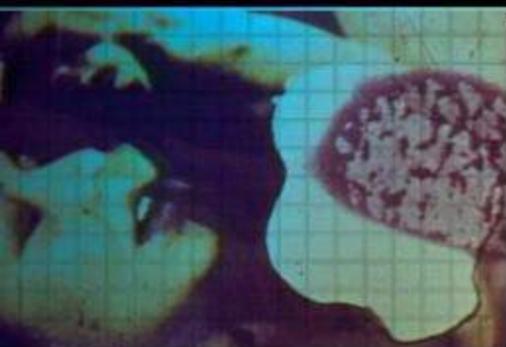


Cortesia de Electronic Arts Intermix [EAI], Nova York

MEAT JOY – DE CAROLEE SCHNEEMANN (EUA)

1964-2010, 10'35", cor, som, filme em película 16 milímetros em vídeo.

Carolee Schneemann escreve: "Meat Joy é um rito erótico – excessivo, indulgente, uma celebração da carne bem como das seguintes matérias: peixe cru, frango, salsichas, pintura úmida, plástico transparente, cordas, escovas e resíduos de papel. A sua propulsão é para o êxtase, deslocando e transformando – entre ternura, selvageria, precisão, abandono – qualidades que poderiam a qualquer momento ser sensuais, cômicas, alegres ou repelentes. Equivalências físicas são promulgadas como um fluxo psíquico imagético, em que os elementos em camadas de malha ganham intensidade pelo complemento de energia do público. A performance original tornou-se notória e apresentou uma visão sobre o 'sagrado erótico'. Este vídeo foi convertido a partir da filmagem original de três apresentações da performance *Meat Joy*, de 1964: no Festival de la Libre Expression, em Paris; no Dennison Hall, em Londres; e na Judson Memorial Church, em Nova York."



Cortesia de Electronic Arts Intermix [EAI], Nova York

FUSES – DE CAROLEE SCHNEEMANN (EUA)

1964-66, 29'37", cor, silencioso, filme em película 16 milímetros em vídeo.

A autofilmagem erótica de Schneemann continua a ser um clássico controverso. Trata-se de uma notória obra-prima em que a artista promove uma celebração silenciosa e em cores de uma relação sexual. O filme unifica energias eróticas dentro de um ambiente doméstico através dos cortes, das sobreposições e camadas de impressões abstratas riscadas na própria película.

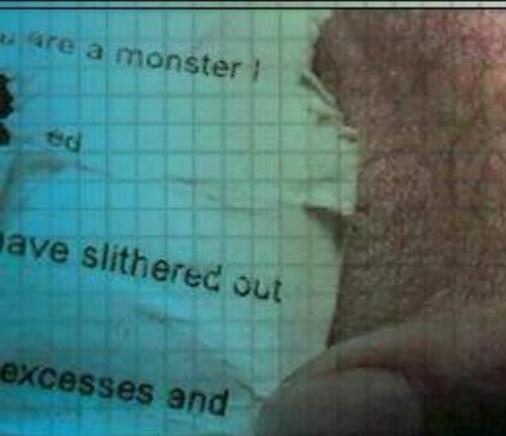


Cortesia de Electronic Arts Intermix [EAI], Nova York

BODY COLLAGE – DE CAROLEE SCHNEEMANN (EUA)

1967, 3'57", preto e branco, sem som, filme em película 16 milímetros em vídeo.

Em *Body Collage*, Schneemann pinta o seu corpo com pasta de papel de parede e melão, e então corre, salta, cai e rola em pedaços de papel branco, criando uma colagem corporal não predeterminada.



Cortesia de Electronic Arts Intermix [EAI], Nova York

INTERIOR SCROLL – THE CAVE – DE CAROLEE SCHNEEMANN (EUA)

1975-1995, 7'30", cor, som, filme em película 16 milímetros em vídeo.

A partir da ação solo *Interior Scroll*, Carolee Schneemann produziu o filme *Interior Scroll – The Cave*. Segundo a artista, esse filme foi criado em "um evento em grupo para seis mulheres que trabalharam com minha performance [*Interior Scroll*] em uma enorme caverna [...]. Como você sabe, o texto extraído da vagina se dirige aos principais do cinema estruturalista. Vozes lendo o texto do pergaminho vão formar um componente de som em camadas no âmbito da edição final do vídeo. É importante que eu mencione isto, porque o texto falado contextualiza *close-ups* surpreendentes do interior da minha vagina e da minha

boca, filmados por Maria Beatty. *Interior Scroll – The Cave* muda a política de gênero sexual atual por meio de uma visão estética compartilhada – que é aguçada pela dinâmica sexual da colaboração entre uma dominatrix lésbica e uma feminista heterossexual ('Eu' e 'Outra')".



Cortesia de Electronic Arts Intermix [EAI], Nova York

UP TO AND INCLUDING HER LIMITS – DE CAROLEE SCHNEEMANN (EUA)

1976, 29', cor, som, filme em película 16 milímetros em vídeo.

Vemos aqui os princípios da pintura da ação de Jackson Pollock. Schneemann é suspensa nua por uma corda e permanece desenhando nessa situação. Seu corpo em movimento torna-se uma medida de concentração, os movimentos sustentados e variáveis de sua mão estendida a desenhar criam uma teia densa de traços e marcações. Este vídeo capta a concentração e a intensidade bruta da presença e do uso de Schneemann de seu próprio corpo.

CAROLEE SCHNEEMANN (Estados Unidos, 1939) é uma artista transdisciplinar inovadora. Criou uma série de performances e faz uso do vídeo desde os anos 1960. Quebrando tabus e redefinindo a noção de erótico, ela confronta a sexualidade, gênero e construção social através do corpo feminino. Suas performances seminais da década de 1970 eram tão transgressoras quanto influentes. Schneemann continua a provocar, como também não para de explorar a sexualidade feminina em relação ao fazer artístico, ao ritual e à cultura.

Auditório. Não recomendado para menores de 18 anos.
01 a 09/07. Terça a domingo, das 10h às 20h.



Cortesia de Cassils e Ronald Feldman Fine Arts

103 SHOTS – DE CASSILS (CAN)

2016, 2'33", cor, som, formato digital.

Em vídeo, o artista apresenta sons de tiros que nos colocam em estado de alerta e, ao mesmo tempo, aparecem corpos que se abraçam até estourar balões existentes entre eles. Apresentados sobrepostos, tais estalos assemelham-se a fogos de artifício ou ao espocar de rolhas quando abrimos garrafas de champanhe; os sons têm conotação violenta e festiva, respondendo à brutalidade – que ameaça os corpos e as relações entre eles – através de um ato amável, subvertendo sons que a princípio seriam interpretados como ameaçadores, mas que ganham outro código no efeito oferecido pelo filme. Este trabalho faz menção ao atentado ocorrido no clube gay Pulse na cidade de Orlando, Estados Unidos, em junho de 2016.

CASSILS (Canadá) é artista, dublê e *bodybuilder* que usa o físico de forma contundente para intervir em vários contextos sob a finalidade de interrogar sistemas de poder e controle. Muitas vezes, empregando várias das estratégias usadas pelo FLUXUS e pelo teatro de guerrilha, seu método é transdisciplinar e atravessa um espectro de cultura física, produção cinematográfica e performance ao vivo. Cassils já exibiu seu trabalho no Reino Unido, na Alemanha, na Áustria, nos Estados Unidos, entre outros lugares.

Auditório. Não recomendado para menores de 18 anos.
01 a 09/07. Terça a domingo, das 10h às 20h.

INSTALAÇÕES



Foto: Yara Pina

VILIPÊNDIO A VÊNUS – DE YARA PINA (BRA)

A artista transita pelos repertórios da destruição e da violência. Em suas ações/intervenções, ela entra em confronto com diferentes corpos, lançando mão de armas e objetos carbonizados para agredir, destruir e deixar inscrições/evidências dos atos violentos. Ao priorizar rastros e não o corpo em ação diante de uma audiência, a artista propõe, através de sua ausência física, deixar a memória das suas ações através das marcas geradas.

YARA PINA (Brasil, 1979) vive e trabalha em Goiânia. É graduada em Artes Visuais e Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás. Já participou de coletivas, Bienais, salões e de mostras de desenho e performance no Brasil e no exterior. O início de sua produção artística é marcado principalmente por investigações envolvendo os materiais e o campo performativo do desenho.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

01 a 09/07. Terça a domingo, das 10h às 20h.



Foto: Costa – I Hate Flash

BICHA – DE CAIO RISCADO (BRA)

O público pode se relacionar e interagir performativamente com objetos ao seu dispor, propondo uma composição visual ao retirar camisetas de um suporte, vesti-las e, em conjunto de cinco pessoas, formar a palavra "BICHA", sendo convidadas, em seguida, a fazerem fotografias e a postarem as fotos em alguma rede social usando a hashtag #performatus.

CAIO RISCADO (Brasil, 1988) é membro-fundador do grupo Miúda, doutorando em performance pela Unirio, mestre em Processos e Métodos da Criação Cênica pela Unirio, diretor teatral formado pela UFRJ, artista pesquisador, professor, performer, produtor e bicha.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

01 a 09/07. Terça a domingo, das 10h às 20h.

BATE-PAPOS



Foto: Acervo pessoal do artista
Ricardo Basbaum

PERFORMANCE E GERAÇÃO 80 - COM BIANCA TINOCO (BRA) E RICARDO BASBAUM (BRA)

A partir da experiência dos performers no Rio de Janeiro da década de 1980, tais como Márcia X., Alex Hamburger, Ricardo Basbaum e Alexandre Dacosta, a conversa girará em torno de uma reflexão acerca de uma aparente lacuna na história da arte no Brasil.

BIANCA TINOCO (Brasil, 1978) vive e trabalha em Brasília. É pesquisadora de performance e história da arte. Mestre em Artes Visuais pela Universidade de Brasília e pós-graduada em História da Arte e Arquitetura no Brasil pela PUC Rio.

RICARDO BASBAUM (Brasil, 1961) vive e trabalha no Rio de Janeiro. É artista, curador, editor, escritor e professor do Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Participa regularmente de exposições e projetos desde 1981.

Foyer do Teatro.

Não recomendado para menores de 14 anos.

01/07. Sábado, das 18h às 19h30.

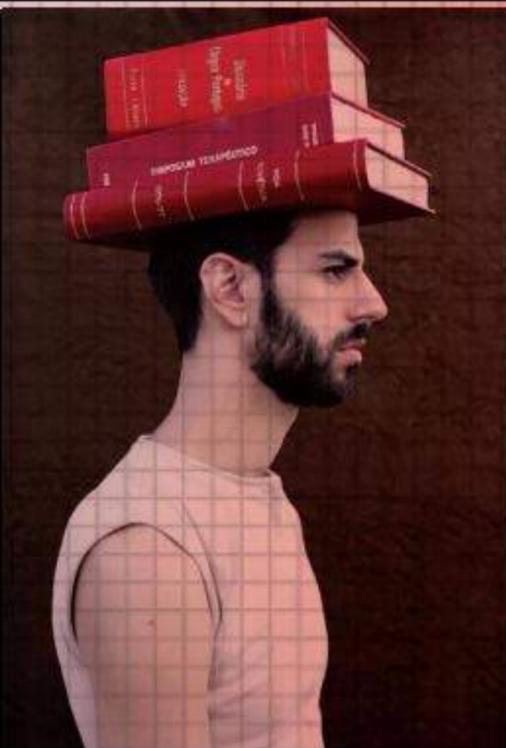


Foto: Joana Linda

CONVERSA COM MIGUEL BONNEVILLE (POR)

Logo após o espetáculo *A Importância de Ser Simone de Beauvoir*, conversa com o artista Miguel Bonneville.

MIGUEL BONNEVILLE (Portugal, 1985) concluiu os cursos de: Interpretação, na Academia Contemporânea do Espectáculo (2000-2003); Artes Visuais, na Fundação Calouste Gulbenkian (2006); Autobiografias, Histórias de Vida e Vidas de Artista, no CIES-ISCTE (2008); Arquivo – Organização e Manutenção, no Citeforma (2013); e Costurar Ideias, na Magestil (2013). Através de performances, desenhos, fotografias, vídeo, música e livros de artista, Bonneville nos introduz em histórias autobiográficas centradas na destruição e reconstrução da identidade.

Teatro.

Não recomendado para menores de 14 anos.

05/07. Quarta, das 21h às 21h30.



Foto: Rodrigo Munhoz

CONVERSA-MÓVEL LAB LIVRE DESCONVERSA – COM JAQUELINE VASCONCELOS (BRA), LEONARDO NICOLETTI (BRA), RANI BACIL FUZETTO (BRA) E RODRIGO MUNHOZ A.K.A. AMOR EXPERIMENTAL (BRA)

O Lab Livre Performance é uma plataforma colaborativa estruturada em módulos imersivos e está direcionada ao exercício de práticas situadas na arte da performance. Seu objetivo estrutura-se em torno do reconhecimento da prática autoral, de seus respectivos processos para a organização pessoal e interpessoal, bem como de sua projeção pública.

JAQUELINE VASCONCELOS (Brasil, 1980) é artista do corpo, articuladora cultural, doutoranda pela ECA-USP e colaboradora da estação de trabalho La Plataformance.

LEONARDO NICOLETTI (Brasil, 1980) é arte-educador, gestor cultural, curador de artes cênicas e programador de teatro do Sesc Santos.

RANI BACIL FUZETTO (Brasil, 1980) é psicóloga, pós-graduanda em História da Arte e programadora de Artes Visuais do Sesc Santos.

RODRIGO MUNHOZ A.K.A. AMOR EXPERIMENTAL (Brasil, 1977) é um artista que transita pela arte da performance, fotografia, audiovisual e educação. É colaborador da estação de trabalho La Plataformance.

Sala 32. Livre.

05/07. Quarta, das 18h30 às 20h.



Foto: Yashira

YASHIRA E A TRAJETÓRIA DA ARTE PERFORMÁTICA DE SEU CONTEXTO – COM ENAURO DE CASTRO (BRA)

Abordagem acerca do percurso artístico de Yashira como precursora da arte performática em Goiás, através de seu conceito de "arte viva", presente em seus desfiles com o Exército de São Francisco, em esculturas vivas e no presépio vivo. Inicialmente, será feita uma breve recapitulação de sua trajetória artística, tratando de sua passagem por diversas linguagens e de sua missão de inventariar "as coisas desse mundo", assumindo, por assim dizer, o papel de mensageira encarregada de ligar o mundo "real" e o sobrenatural, vida e morte, natureza e cultura. Posteriormente, o palestrante discorrerá sobre o papel da performance e a construção da cena artística contemporânea em Goiás.

ENAURO DE CASTRO (Brasil, 1963) é artista visual, pesquisador e curador. Possui graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Goiás (1996). Principais exposições: "Primeiro Salão de Arte Contemporânea do Centro-Oeste" (Centro Cultural UFG, Goiânia, 2011); "É HOJE na Arte Brasileira Contemporânea (Coleção Gilberto Chateaubriant)", com curadoria de Fernando Cocchiarale e de Franz Manata (Santander Cultural, Porto Alegre, 2006); entre outras. Principais curadorias: "Yashira, Museu do Mundo" (Museu de Arte de Goiânia, 2016); "Dina, Liselotte, Zofia, Três Mulheres, Três Artistas" (Museu de Arte de Goiânia, 2015); "Índio-Não" (Museu de Arte de Goiânia, 2015); entre outras.

Auditório.

Não recomendado para menores de 18 anos.

06/07. Quinta, das 18h30 às 19h30.



Foto: Alexandre Sá

OUTROS FLUXXXOS – COM ALEXANDRE SÁ (BRA)

Em que medida é possível investigar as relações de dominação dentro das próprias políticas da alteridade? Seria o corpo neste caso também castrado e atravessado por um processo de dominação e controle, amparado por uma pressuposta ideia de liberdade?

ALEXANDRE SÁ (Brasil, 1977) vive e trabalha no Rio de Janeiro. É pós-doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Contemporâneos das Artes na UFF sob supervisão de Tania Rivera. Doutor e mestre em Linguagens Visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ (orientado por Glória Ferreira) e licenciado em Educação Artística/ História da Arte pela UERJ.

Sala 2.

Não recomendado para menores de 14 anos.

07/07. Sexta, das 18h30 às 19h30.

OFICINAS



Foto: Paulo Aureliano da Mata

TEORIA E HISTÓRIA DA PERFORMANCE – COM LUCIO AGRA (BRA)

Diálogo a partir do questionamento: Como chegamos ao cenário atual de interesse generalizado em torno da performance no Brasil e no mundo? Como a performance pode atuar como estratégia de intervenção cultural e até mesmo política? Quais foram as forças culturais que conduziram um processo de interesses centralizados em torno do corpo humano e de uma nova concepção de ação? Que relações a performance entretém com as emergentes novas formas de pensamento na área das ciências humanas e do fazer nas artes?

LUCIO AGRA (Brasil, 1960) é performer, poeta e professor. Atua artisticamente no Brasil e no exterior, como na França, no Canadá, nos Estados Unidos, no Uruguai, na Colômbia, no México, entre outras localidades. Autor de *Monstrutivismo – Reta e Curva das Vanguardas* (São Paulo: Editora Perspectiva, 2010); de diversos artigos em publicações nacionais e internacionais; e, em breve, de *Performance: Corpo em Expansão*.

Sala 2.

Não recomendado para menores de 16 anos.

02/07. Domingo, das 10h30 às 17h30.

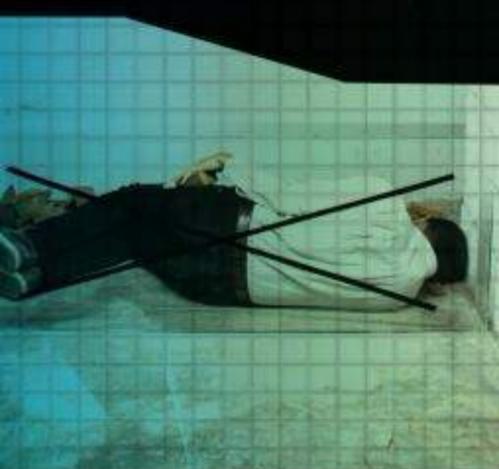


Foto: eRevista Performatus

APROXIMAR CORPOS E COISAS – COM RENAN MARCONDES (BRA)

A oficina visa compartilhar um modo de criação entre a coreografia e a performance que tem orientado os últimos trabalhos do artista. A partir de técnicas de tradução entre desenho de observação, experimentação corporal e palavra (adjetivação e verbalização), os participantes serão levados a compor texturas coreográficas de repetição a serem depois aplicadas a objetos de uso cotidiano, criando imagens de corpo abstratas que desvinculem o corpo de uma relação de dominação com esses mesmos objetos, promovendo novos espaços de coexistência e escuta entre coisas e corpos.

RENAN MARCONDES (Brasil, 1991) é artista visual, performer e pesquisador. Seu trabalho compreende os campos da performance, coreografia e instalação. Doutorando pela ECA-USP, mestre em Poéticas Visuais pela Unicamp (bolsa Capes) e especialista em História da Arte: Teoria e Crítica pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, instituição onde também obteve o bacharelado em Artes Visuais, quando realizou Iniciação Científica com orientação de Cauê Alves e apoio Fapesp. É membro do corpo editorial da *eRevista Performatus* desde 2013.

Sala 42.

Não recomendado para menores de 16 anos.

08 a 09/07. Sábado e domingo, das 14h às 18h.

RESIDÊNCIA ARTÍSTICA

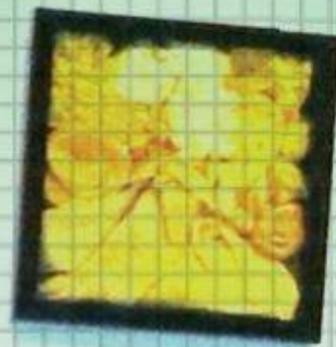


Foto: Annamaria La Mastra

ARTISTA EM RESIDÊNCIA – COM CARLOS MARTIEL (CUB)

Residência artística em que Carlos Martiel realizará um projeto sobre a discriminação racial no Brasil, partindo da sua pesquisa *in loco* e em contraposição às suas experiências prévias, as quais abordam a mesma problemática em países como Estados Unidos e Cuba. Como resultado da residência, Carlos Martiel fará uma apresentação pública do seu trabalho investigativo apresentando uma performance inédita.

CARLOS MARTIEL (Cuba, 1989) vive e trabalha em Nova York e Havana. Graduado pela Escola Nacional de Belas-Artes San Alejandro em Havana. Estudou em Cátedra Arte de Conducta entre 2008 e 2010, onde foi orientado pela artista Tania Bruguera. Realizou exposições individuais em diversos espaços, dentre eles, Y Gallery e Robert Miller Gallery (Nova York); Samsøn Projects (Boston); Steve Turner (Los Angeles), entre outros. Recebeu prêmios como: Franklin Furnace Fund (Nova York, 2016), CIFOS Grants & Commissions Program Award (Miami, 2014) e Arte Laguna (Veneza, 2013).





Sarah Hill, *I'm Fine*. Performance realizada no Québec, Canadá. Abril de 2013.

Foto: Patrick Altman

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL

Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL

Danilo Santos de Miranda

SUPERINTENDÊNCIAS

Técnico-Social Joel Naimayer Padula # *Comunicação Social* Ivan Giannini # *Administração* Luiz Deoclécio Massaro Galina # *Assessoria Técnica e de Planejamento* Sérgio José Battistelli

GERÊNCIAS

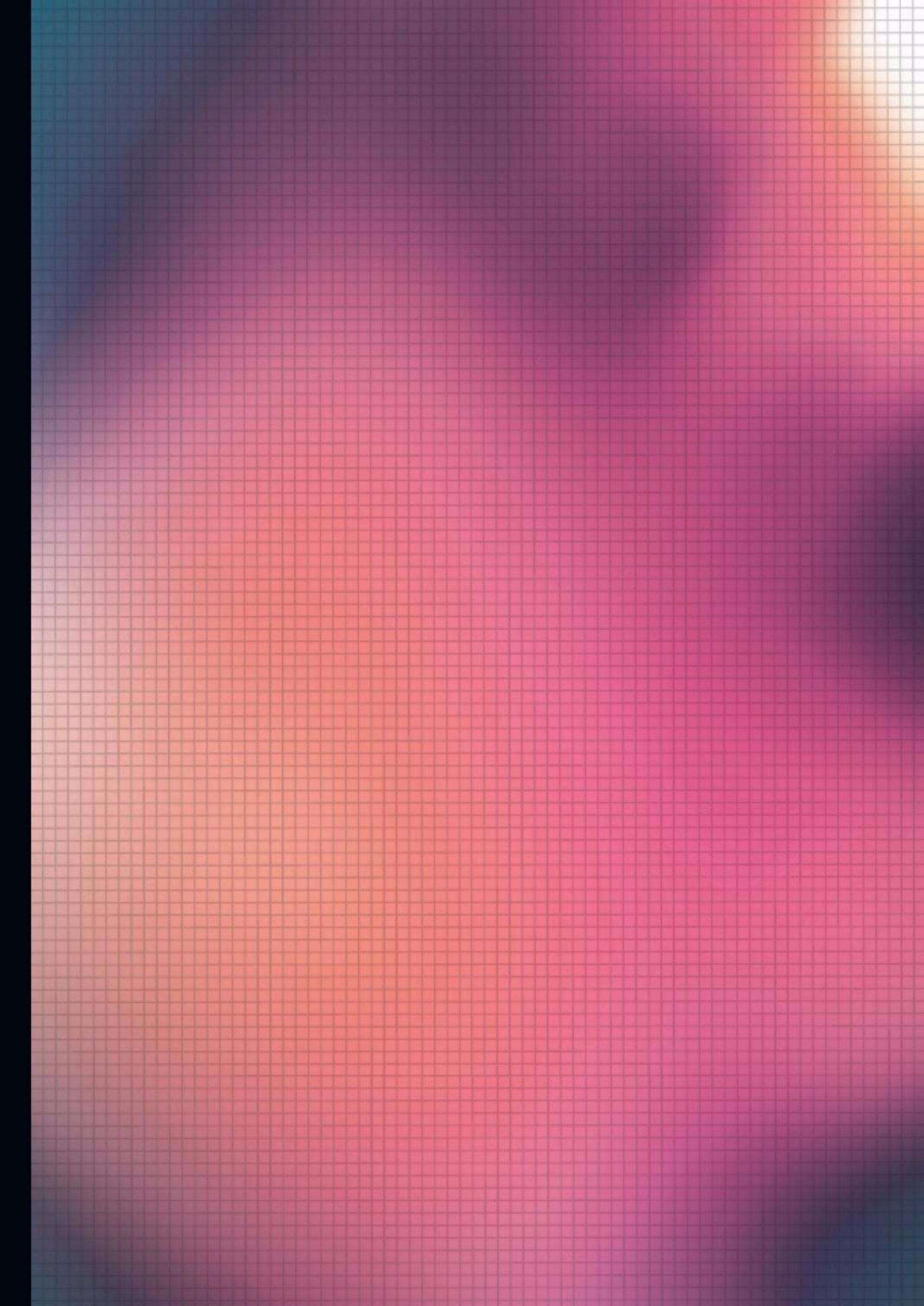
Artes Visuais e Tecnologia Juliana Braga de Mattos # *Adjunta* Nilva Luz # *Assistente* Carolina Barmell # *Artes Gráficas* Hélcio Magalhães # *Adjunta* Karina Musumeci # *Assistente* Rogério Ianelli # *Estudos e Desenvolvimento* Marta Colabone # *Adjunto* Iã Paulo Ribeiro # *Assistente* Diogo de Moraes Silva

SESC SANTOS

Gerente Luiz Ernesto Alvarez Figueiredo # *Adjunta* Maracélia Ramos Teixeira # *Programação* Luiz Fernando S. Silva (*coordenação*), Leonardo Nicoletti, Mariana Fessel e Rani Bacil Fuzetto # *Atendimento e Comunicação* Carla de Souza (*coordenação*), Angelita Borges, Corina Assis, Felipe Veiga e Pablo Perez Sanches # *Administração* Otto Terzi dos A. Affonso # *Infraestrutura* Eduardo Antonio da Silva (*coordenação*) e Cássio Murilo Fialho # *Serviços* Edvaldo Paulino # *Logística* Marco Antonio M. Porto # *Alimentação* Carmen Lucia Lelli e equipe

MOSTRA PERFORMATUS #2

Curadoria Paulo Aureliano da Mata e Tales Frey # *Projeto Expográfico, Luminotécnico e Coordenação de Montagem* Leika Morishita # *Projeto Gráfico* Rubens Rangel Silva # *Direção de Vídeo e Fotografia, e Vídeo* Renato Vallone # *Assistência de Vídeo* Joelma Ribeiro # *Fotografia* Luiza Prado # *Tradução* Fernando L. Costa e Lu Peixoto # *Revisão* Marcio Honorio de Godoy # *Direção de Produção* Patricia Ceschi (Aymberê Produções Artísticas) # *Produção* Thalita Dolores Facciolo # *Coordenador Técnico* Ronaldo Zero # *Assistente Administrativa* Fernanda Paris (Aymberê Produções Artísticas) # *Assistência de Produção* Danielle Lima, Flavia Paiva, Matheus Lípari, Nicolly Fogaça



Sesc Santos

Rua Conselheiro Ribas, 136
CEP 11040-900 - Santos - SP
Tel.: 13 3278 9800

  /sescsantos

sescsp.org.br/santos

REALIZAÇÃO

APOIO

